

A LITERATURA NAS ESCOLAS

Érilly Maria de Souza Ferraz¹
Renan Mendonça Ferreira²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo estudar a leitura literária e sua aplicação didática na sala de aula, levando em consideração as metodologias que estão sendo utilizadas para seu ensino, com isto tenta destacar onde se encontram e quais são os maiores causadores do desestímulo referente a leitura entre os adolescentes da atualidade. Abrange-se um assunto com vastas possibilidades de discussão que requerem atenção para análise e necessitam serem repensadas na sociedade contendo dados de pesquisa de campo alarmantes. Levantam-se pontos como a importância com a qual a sócio-política classifica a literatura, a tarefa e o desafio que os professores enfrentam ao entrarem na sala de aula, o modo do qual o livro está sendo apresentado ao aluno, o que o livro representa na sociedade de hoje, as dificuldades que os adolescentes enfrentam para ler, o papel da escola na sociedade e o papel do professor na educação.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Escola. Didática. Professor. Educação.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to study the literary reading and its didactic application in the classroom, considering the methodologies that are being used to their teaching, and thus try to figure out where are the main causes of discouragement related reading among teens of today. It covers up a subject with extensive discussion of possibilities for analysis that require attention and needs to be rethought in society with alarming field survey data. Brings out important points like how the socio-political ranks the importance of literature, the task and the challenge that teachers face as they entered the classroom, the way in which the books are being presented to the students, what the book represents in today's society, the difficulties students face to read, the school's role in society and the role of the teacher in education.

Keywords: Literature. Reading. School. Didactics. Teacher. Education.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do curso de Letras Português-Inglês da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX Serra.

² Docente da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX Serra.

É comum na história da humanidade deparar-se com algo que previamente foi criado por um motivo específico, e com o passar do tempo esse motivo foi se dissipando e tomando outras proporções até que seu uso prático esteja visando uma finalidade diferenciada daquela projetada inicialmente. Esta situação não foi diferente quando se trata da literatura.

A antiga Grécia foi o berço do que hoje chamamos de literatura, mas naquela época não se dava esse mesmo nome, chamava-se poesia e seu propósito primórdio não era educacional, foi criada para divertir a nobreza durante os intervalos entre uma guerra e outra, visão completamente diferenciada do que hoje se conhece por literatura. O que antes tinha como função relatar histórias de um lugar ou de um povo, influenciar politicamente e organizar socialmente a população, foi evoluindo-se até o ponto de se tornar matéria educativa. De acordo com Ziberman e Silva (1990) essa situação se modifica profundamente depois que a educação passa a ser gerenciada por uma entidade, a escola e transforma-se num trabalho, o ensino.

No momento em que se organizava o Estado Burguês, era necessário construir matéria de ensino que de algum modo beneficiasse essa classe, devido a isto a literatura integrada ao currículo escolar, não podia perder sua força educativa, mas a natureza dessa foi alterada, ela deixou de ter um propósito ético e intelectual e tomou um rumo de ensino linguístico.

Nada mais convincente do que consagrar a língua dos poetas como a nacional, desprezando os falares regionais e populares, e usar a escola como seu veículo de difusão, apostando no prestígio da literatura para validar as opções feitas (ZILBERMAN; SILVA, 1990).

No entanto, o resultado almejado pela burguesia de usar a literatura como ferramenta educativa acabou não sendo alcançado, perdeu a eficácia pedagógica esperada pelo Estado. Os projetos educacionais elaborados pelos grupos dirigentes usavam a escola como formadora de mão-de-obra, pois era o que a industrialização demandava e com urgência. Para ser um bom funcionário, não era necessário alto grau de intelecto, nem grandes conhecimentos linguísticos e ético-sociais, foi onde o ensino da literatura começou a ser questionado sobre sua finalidade e necessidade. A partir

do momento em que ela deixou de ser algo benéfico para o Estado burguês, sua aplicação deixou de ser prioridade. E isso desencadeou uma série de consequências, por um lado, democratizou a escola ao colocá-la à disposição de um novo público, mais amplo e abrangente; por outro rebaixou a qualidade de ensino, tornando a escola cada vez menos exigente e encarregada de uma preparação apressada do aluno para o mercado de trabalho. Devido a isto, a literatura deixou de ser educativa e passou a ser vista por muitos como uma carga cultural extra, porém não necessária na formação do aluno.

Partindo deste ponto e levando em consideração todos os motivos político-sociais que embasaram o rumo para o qual a educação foi encaminhada acredita-se que uma deficiência desencadeia outras, e quando não tratada com atenção só vai aumentando e gerando mais problemas.

Eis por que um dos sintomas da crise do ensino da literatura é a falta de leitura por parte dos estudantes e o desconhecimento do patrimônio literário nacional. Mas essa carência determina outras – a não assimilação da norma linguística impede o entendimento dos textos; o desinteresse pela matéria escrita dificulta a continuidade do processo de leitura e, portanto, a aquisição do saber; a ausência de domínio da expressão oral impossibilita a reprodução do lido, o desdobramento do processo de comunicação e a verbalização das próprias necessidades que comprometem a atuação do aluno dentro, e principalmente fora da escola (ZILBERMAN; SILVA, 1990).

Infelizmente a educação se converteu em um sistema, que hoje é chamado escola e apresenta-se como instituição, com estrutura, organização, funcionários, calendário e orçamento. Realidade diferenciada do sentido etimológico de educar o qual significa extrair, levar adiante, conduzir para fora e para frente pois acredita-se que é por meio da ação humana é possível mudar a atitude individual e a configuração da sociedade.

Quando a pesquisa foi iniciada o interesse principal era em revelar se havia alguma deficiência no ensino da literatura, e se sim, qual. Com a evolução do estudo, foi sendo observado que não havia um problema, mas vários, talvez até mais do que seja possível se identificar. Mas é importante ressaltar que nem todas as unidades escolares enfrentam as mesmas dificuldades e que para um resultado de melhoria eficiente os possíveis métodos de incentivo variariam de escola para escola e até mesmo de turno, pois o público alvo muda, a realidade de cada grupo de alunos muda e os interesses que preenchem suas mentes também.

Após muita análise de campo e conversa com os alunos, foi observado um fator predominante que influencia completamente no futuro do aluno com o livro: a forma da qual a obra literária é apresentada! À primeira vista, pode parecer algo simples e fácil de lidar, apresentar um livro não remete medo e nem intimida a ninguém, mas a questão é que esse primeiro contato do aluno com o livro, essa primeira sensação experimentada ao ouvir falar de certa literatura é a mesma que ele carregará por muito tempo. É claro que primeiras impressões podem sim serem quebradas, e não é por que a primeira experiência não foi boa que não haverá uma segunda, porém é o sucesso da primeira que leva o interesse a uma segunda.

Os livros inesquecíveis, aqueles que nos causaram impacto na juventude, e ainda nos reservam prazer e surpresas ao serem relidos muitos anos depois, fizeram parte de nossa formação de conceitos, ordenaram certas vivências, mas, sobretudo, nos fascinaram. Salvar o espaço para que os estudantes vivam essa fascinação deveria fazer parte dos cuidados de um professor [...] (CADEMARTORI, 2009).

Essa realidade caminha para uma discussão mais pedagógica da situação, ela empurra a responsabilidade da formação de um aluno-leitor para o professor. O professor é o agente responsável pela formação de um aluno –leitor, cabendo a ele a obrigação de atrair e cativar os seus alunos, fazendo com que eles se encantem por uma obra literária seja ela qual for.

Com a situação sendo analisada por este ângulo surgem várias respostas para nossa pergunta inicial, a culpa da decadência da leitura seria do professor e da sua falta de entusiasmo em apresentar o livro para seus alunos. O professor que não recebeu durante a sua formação a capacitação necessária, chega na realidade da sala de aula sem preparo-experiência suficiente para convencer seu aluno de que um bom livro, é realmente bom. É neste momento que o professor se encontra encurralado entre as técnicas e métodos de ensino que lhe foram ensinados e ou entregues pelas normas educacionais e as cobranças político-sociais.

Fato comum na sociedade é ninguém aceitar ser culpado por nada, a responsabilidade é sempre do outro, e no caso, seria do professor. Mas a realidade nos leva para outros fatores, não pode ser ignorado o fato de que os professores são controlados por ementas e grades educacionais. Atrás de um educador, existe todo

um sistema que o controla e o induz a ensinar aquilo que supostamente é o “certo” ou o “melhor”, é predefinido pelo sistema educacional o que é importante e lícito a ser ensinado. A partir disto, é formada então uma das muitas dificuldades enfrentadas pelo professor no momento de vivenciar essa apresentação do livro para o leitor.

Quando o agente educador, no caso o professor é submetido a um engessamento de metodologias educacionais, ele deixa de ter a liberdade de adaptar o ensino julgado por si necessário e mais eficiente para aquele público alvo específico. Deste modo se torna bem complexo o ato de passar para o aluno um entusiasmo sincero.

[...] lembrando que a pergunta que fundamentalmente importa não é o que o autor quer dizer com o texto, mas o que o leitor sentiu ao ler, por que essa é a condição básica para qualquer entendimento posterior. Professores e alunos, num primeiro momento, devem esquecer a seleção, a indicação, a pressão e trocar impressões de leitura, do mesmo modo como se fala de qualquer forma de expressão cultural, seja um filme, uma peça, um show (CADEMARTORI,2009).

Como seria interessante um mundo onde todos comentassem e conversassem sobre os livros lidos com a mesma frequência que ouvimos comentários sobre filmes assistidos. É importante permitir ao aluno o direito de se expressar sobre a obra, pode ter sido adorada ou odiada, ou então tediosa e irrelevante, mas o ato de conversar sobre a leitura, conceder ao aluno a chance de dar o seu parecer, a sua opinião envolve o aluno com a obra sem ele perceber, pois mesmo que em um primeiro momento o livro tenha sido lido superficialmente, criar uma opinião sobre o que foi lido o obriga a colocar em ação seu senso crítico o que só reforça em seu envolvimento.

2 ALGUNS PROBLEMAS

Com a evolução da tecnologia e o crescimento intenso dos meios de comunicação, quando se trata de educação, a sociedade cobra infinitamente mais do jovem do século XXI do que do aluno dos séculos passados onde a informação era de acesso mais dificultado. Antigamente, a única cobrança a uma adolescente de quinze anos era a de aprender a ser uma boa dona de casa, para conseguir um bom casamento e cuidar de sua futura família; hoje além de terem que cumprir seu papel feminino em

uma organização familiar, é cobrado a excelência na vida estudantil e de preferência que se estenda para uma carreira acadêmica de sucesso. Com o passar do tempo essa cobrança social foi crescendo de tal forma que hoje existe uma classe de pessoas conhecidas por serem viciadas em informação (pessoas que sentem a necessidade constante de se inteirar de todas as notícias recorrentes do momento, quanto mais “ao vivo” melhor).

Todos os fatos abordados tornaram a vida da criança e do adolescente da atualidade muito corrida, suas mentes são preenchidas por várias coisas de diversos gêneros que quando unidos, tornam-se uma mistura de informações que exigem muito esforço para serem organizadas de modo que não prejudique o rendimento do aluno e sua capacidade de pensar separadamente em algo. Esse fato nos leva a problemas enfrentados como o da dificuldade de concentração, relatado frequentemente por alunos de todas as idades. Com a mente repleta de coisas diferentes lutando por atenção, torna-se infinitamente mais complicado encontrar um ponto livre para conseguir se concentrar em algo e realmente absorver tudo que aquele assunto exige. E quanto mais a tecnologia evolui e os meios de transmitir a informação crescem, maior é o desafio de chamar a atenção do aluno com algo tão tranquilo e lento quanto o ato de ler uma obra literária.

É nesse momento que chegamos ao nosso segundo ponto de convergência, como convencer o aluno de que ele precisa ler um livro? Como convencê-lo de que isto é necessário para seu amadurecimento cultural e social? Como vencer a disputa por atenção da televisão, do computador, do celular, do videogame e de todas as outras coisas que ao primeiro olhar aparentam ser mais interessantes e mais fáceis com uma obra literária?

Em meio ao ritmo frenético da vida, parar para ler, pelo simples desejo de ler, que rebeldia, que reação! O leitor recolhido e concentrado em meio a essa agitação, pode ser visto como um sujeito esquisito. [...] O livro em geral e a literatura de modo especial emitem vozes mais sutis e menos ressonantes em meio à barafunda dos discursos. Essa percepção do lugar da literatura na sociedade não costuma ser confortável a nenhum professor(CADEMARTORI, 2009).

A ideia erroneamente dissipada na sociedade é a de que o professor é mais uma vez o único responsabilizado por tal tarefa, mas estudando o assunto mais a fundo chega-

se à conclusão de que para essa ação ser executada com sucesso é necessária a influência e o incentivo de todas as figuras de relevância existentes na vida do aluno (família, amigos, professores, religião, mídia). Mostrar e convencer o aluno de que ler é importante vai requerer um trabalho em equipe exigindo a união de todas as personagens que exercem influência sobre ele. Apenas deste modo, a mensagem será transmitida com a força necessária para o aluno compreender que ele pode conceder-se a liberdade de ter um tempo mais lento requerido ao leitor pela leitura literária.

São muitas as questões que envolvem esse fator, mas pode-se partir do princípio de ensinar o aluno a filtrar as informações que realmente merecem sua atenção. A sociedade é bombardeada por informações a todos os instantes, cada um tem algo diferente a dizer, mas é preciso saber selecionar aquilo que é relevante, na verdade, existem muitas coisas que não são dignas de atenção, pausa e escuta. Sofre-se de certo modo um tipo de atordoamento com tudo isto e é preciso aprender a distinguir entre as múltiplas vozes de todo o tipo que o cercam quais de fato são merecedoras da atenção.

3 OS DADOS APONTAM

Parte fundamental do desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa de campo. Foram coletadas informações valiosas e de grande relevância para os interessados na situação da literatura dentro das escolas públicas. Foram selecionadas algumas escolas da região da grande vitória e entrevistados alunos entre o 6º e o 9º ano do ensino fundamental. E após as entrevistas foi realizada uma aula experimental com cinco turmas diferentes de uma mesma escola e de um mesmo turno. Não pode ser deixado de ser levado em consideração o fato de que foram escolhidas escolas carentes onde em sua maioria frequentam alunos da classe baixa e com menor prestígio de cultura erudita.

A primeira questão abordada era se os entrevistados em questão, no caso os alunos, já haviam lido algum livro, qualquer livro, por livre e espontânea vontade e do início ao fim.



Figura 1 – alunos que nunca leram um livro.

Neste primeiro gráfico constata-se que 57% dos alunos que ingressaram o ensino fundamental II nunca leram um livro se quer. Os entrevistados possuem entre 11 e 12 anos e são todos considerados alfabetizados.

Neste momento é possível observar com clareza a deficiência didática no processo de alfabetização. Como é possível alfabetizar uma criança sem em momento algum apresentá-la a um livro? Está sendo mostrado que possível é, porém é também completamente questionável sua qualidade. Um aluno que não foi apresentado a um livro durante seu processo de alfabetização terá maior dificuldade em assimilá-lo a um aliado na língua, não criara vínculo de aprendizagem nenhum e nem afeto pelo ato de ler um livro, isso sem falar do incentivo à leitura que não está existindo

É lamentável chegar a este resultado pois são essas crianças que vão formar o futuro da humanidade ea educação das futuras gerações passarão por elas.

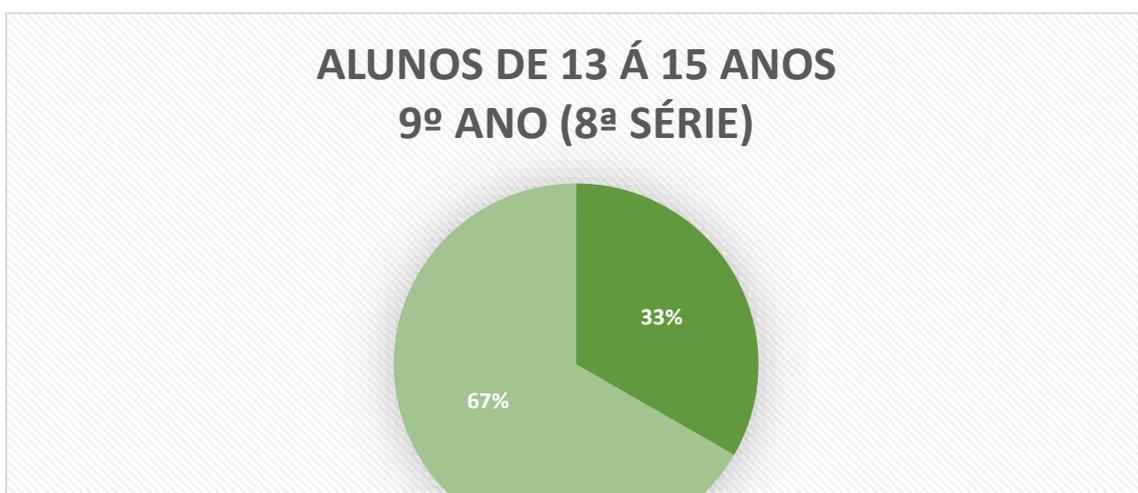


Figura 2 – alunos que nunca leram um livro.

O segundo gráfico é baseado na entrevista feita com os alunos do 9º ano do ensino fundamental II com as idades entre 13 e 15 anos. Foi constatado que 33% desses alunos nunca leram um livro. Isso significa que em média 33% dos adolescentes que estão sendo encaminhados para o ensino médio nunca leram um livro. Entra em questão se eles realmente estão prontos para evoluir no grau da educação. Como um aluno que nunca leu um livro pode ser considerado pronto para ingressar no ensino médio?

Unindo as duas pesquisas, chega-se ao dado de que dos 57% de alunos que ingressaram no ensino fundamental II sem ler nenhum livro, 24% deles concluíram o curso continuando na completa e total ausência de leitura literária. Torna-se dificultada a aceitação de nunca ter tido contato direto com literatura um aluno que já passou e concluiu o processo de alfabetização, ingressou no ensino fundamental II onde estudou durante 3 anos e durante todo esse tempo aprendeu tudo que o Ministério da Educação julga ser necessário e suficiente para sua formação básica.

O fato de um aluno nunca ter lido um livro deveria ser levado muito mais a sério do que realmente é, estes dados deveriam ser analisados com relevância pois colocam em dúvida a eficácia da educação. O que é considerado suficiente está mesmo sendo suficiente? Não seria o momento de repensar os padrões educacionais e reavaliar suas prioridades?

É então que se chega ao próximo gráfico, onde a pergunta direcionada aos entrevistados era: de onde vem a principal influência para o incentivo da leitura literária?



63.3%

Figura 3 – meios de incentivo à leitura.

Mais uma vez um resultado inesperado foi obtido, de acordo com a pesquisa, a família assume 63.3% do mérito de incentivo à leitura. E a escola fica bem ao lado da porcentagem de influência exercida pelos amigos. Os pais ou responsáveis, figuras principais da família que em muitos casos são culpados por não dar apoio aos filhos e acusados pelos próprios professores de não serem presentes o suficiente na vida escolar do filho surpreendem com os dados obtidos, pois estão escandalosamente mais ativos na influência da leitura literária do que a própria escola, que deveria ser o meio principal de incentivo a tal ato.

O incentivo da escola está páreo ao incentivo que os amigos exercem sobre a prática de leitura literária do aluno. Escola, entidade que deveria representar inspiração e respeito perante os alunos está tendo o mesmo valor de incentivo que os amigos; pessoas que na maioria das vezes não possui preparo, está sendo melhor sucedido na missão de influência a leitura do que um professor que estudou e se qualificou para exercer tal função.

Isso só afirma todas as questões abordadas anteriormente, existem várias áreas de carência na educação e não é a força vinda de um único lado que conseguirá melhorar ou resolver tal realidade. A consciência tem que vir dos pais, dos professores, do Ministério da Educação e da sociedade em si. Todos precisam unir suas forças para chegar a algum resultado de sucesso e melhoria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo das escolas de hoje não está ligado em formar um leitor, essa não é uma das prioridades do momento. Ao invés de formar um leitor, cultiva-se um aluno que sabe reconhecer o valor da tradição literária, cujas qualidades e importância precisa aceitar e repetir. Acredita-se que se o aluno obter a consciência de que a literatura tem seu valor, o estudante transforma-se num apreciador, mesmo que superficialmente, pois não a lê, apenas a reconhece como algo importante.

Os anos dourados do ensino da literatura coincidiram com os períodos em que ela se mostrou útil aos objetivos do projeto educacional burguês. Talvez essa afirmação tenha efeito retroativo e sentido mais geral: quando convém aos grupos dirigentes, leciona-se bem e de modo eficiente a literatura (ZILBERMAN; SILVA, 1990).

Os grupos dirigentes do Brasil rebaixaram a literatura para um nível sem prestígio, e muitas escolas descartaram a literatura de seus planos de ensino, substituindo-a por outros assuntos mais modernos que podem induzir os alunos a aprenderem e pensarem do modo mais conveniente para atender aos anseios das classes dominantes que exercem o controle da sociedade

Os resultados dessas escolhas são enfrentados por toda a sociedade, mudar o jogo para favorecer os interesses de um grupo específico sempre acaba prejudicando outros, mas não adianta tentarem tomar vantagem em cima de uma situação pois quando se trata de sociedade, todos irão sofrer as consequências.

O que a sociedade precisa entender é que todas as ações levam a uma reação. Tudo que vai, volta. E não é diferente com a educação. Todas as ações seguem a lógica de uma carreira de dominós enfileirados um atrás do outro, se o primeiro for derrubado, todos os outros atrás dele naquela fileira também irão cair. É preciso pensar em um todo, olhar a imagem por fora para conseguir enxergá-la completamente. É preciso parar de tentar favorecer os interesses individuais de cada um e pensar em conjunto, favorecendo o conjunto, cada indivíduo também será favorecido. Mas como já foi dito anteriormente, para isto funcionar e conseguir-se fazer algo para melhorar a educação e em consequência a sociedade, é preciso unir forças, todas as forças de todos os lados.

O problema não está com a literatura nem com a educação, o problema está com o ensino da literatura, ou mais especificamente, com as pedagogias que, conforme são acionadas pelos professores, tentam (mas não conseguem) sustentar a formação de leitores no contexto das escolas (ZILBERMAN; SILVA, 1990).

Se os professores fossem melhor qualificados para enfrentar a realidade e menos pressionados pelas ementas educacionais, não seria necessário “obrigar o aluno a ler”, as interações com as obras literárias poderiam fluir mais natural, concreta e significativamente.

Neste ponto encontramos o cerne do problema: a forma da qual o sistema educacional é organizado, e abrangendo um pouco mais, a forma da qual a sociedade é organizada. É assim que o barco navega a muito tempo, e sugerir mudar-lhe o rumo é considerado loucura. Mas é aí que a começa a naufragar a literatura, nos oceanos escolares, fica desviada sua verdadeira destinação. Fantasia pré-configurada em um objetivo escolar e cobrada em provas, deixa de ser fantasia, como diz Zilberman e Silva (1990).

Sintetizando a problemática da situação do ensino da literatura nas escolas, encara-se a questão organizada do seguinte modo:



Figura 4 – esquema explicativo.

O conteúdo representado através da figura indica que é baseado no projeto histórico do professor que se formou na sociedade a concepção de escola, através desta concepção formou-se o sistema educacional que é o responsável por moldar as didáticas utilizadas na sala de aula. Mais uma vez, um tópico nos leva ao outro.

O sistema educacional precisa tomar um rumo de descobertas libertadoras, onde cada passo que seja dado tenha uma razão previamente calculada e que essa razão seja em prol de benefícios a um todo. Chega de egoísmo e de cada setor público social pensar apenas em favorecerem a si mesmos. Chega de professores culpando pais e pais culpando professores. Chega de diretores descarregando a pressão feita pelo ministério da educação em cima dos pedagogos, e os pedagogos em cima dos professores. A situação precisa evoluir, se encontra estagnada em um poço de cobranças e frustrações e se continuar da forma que está, nada irá melhorar. Os alunos continuarão desinteressados e os professores desestimulados. As escolas continuarão a trilhar o caminho da ruína e o futuro da sociedade civilizada estará comprometido.

Aos professores, aconselha-se didáticas diferenciadas, melhor preparo, estímulo, garra, determinação, ânimo e esperança. Orienta-se aos pais consistência, interesse, preocupação, disciplina e paciência. A sociedade de um modo geral se pede menos cobranças, acusações e menos críticas; mais apoio, solidariedade e opiniões construtivas. Ao sistema educacional recomenda-se mais organização, planejamento, menos corrupção, menos burocracia, menos teoria e mais prática, não ter medo de mudar pois com um bom plano e com pessoas dispostas a fazer dar certo, dá certo!

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. **Literatura a formação do leitor**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a Literatura**: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. 13ª edição. São Paulo: Editora Ática.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.